

Preocupações ambientais locais no contexto de desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão

Maria Betânia Moreira AMADOR¹; Mariana Dantas GUEIROS²

¹Profª Drª em Geografia - UPE/Campus Garanhuns (betaniaamador@yahoo.com.br) ; ²Aluna pesquisadora e extensionista do Curso de Licenciatura em Geografia da UPE/Campus Garanhuns (gueiros18@hotmail.com.br)

Recebido em 30 de setembro 2009; revisado em 1 de outubro 2009; aceito em 3 de outubro 2009

Resumo

O principal objetivo desse trabalho é resgatar a preocupação com o ambiente, em sentido amplo, por parte dos que fazem o estudo e aplicação de conceitos teóricos ao longo do desenvolvimento do curso, no caso específico de Licenciatura em Geografia, através da conexão das diversas disciplinas ministradas, principalmente aquelas no contexto da ecologia/biogeografia/geografia ambiental, as quais numa abordagem sistêmica propiciam que, desde a graduação, possam ser vivenciados pesquisas e trabalhos de extensão voltados para problemas que cercam a realidade do graduando em sua percepção do lugar resultando em experiências produtivas e ampliação de horizontes acadêmicos, bem como no fomento ao bem estar de alguns atores que constituem essa realidade.

Palavras-chave: Ambiente. Sistemismo. Percepção.

Abstract

The main objective of this work is an attempt to bring back the awareness and the concern with the environment, in a wide range, on the part of the ones that make the study and application of theoretical concepts throughout the development of this course. In the case of Geography graduation, it is through the connection of the diverse disciplines given; mainly the disciplines in the context of the ecology, biogeography, and ambient geography. These disciplines provide the student with research opportunities and extension of work that can be deeply explored. The research and extension of work should focus on problems that surround the reality of the local environment. Resulting in productive experiences and increasing of academic opportunities as well as promoting the welfare of the subjects of this study.

Keywords: Environment. Systemic, Perception.

Introdução

Embora seja uma premissa já há muito tempo inserida na universidade, só recentemente começou a se ter oportunidades de se conectar, de fato, o ensino, a pesquisa e a extensão de forma mais freqüente. Ademais, a necessidade de se formar alunos com habilidades de pesquisa compatíveis com suas futuras atividades de ensino e, mais do que nunca, imbuídas de práticas sociais e políticas, o que se pode alcançar através dos trabalhos de extensão contribui, significativamente, para se perseguir esse fim. Nesse sentido, a abordagem sistêmica se constitui em excelente suporte teórico visto que a sua essência complexa traduz as expectativas daqueles que se dispõem a terem uma visão sistêmica, podendo-se dizer articulada da situação real que se mostra na paisagem percebida em seu cotidiano. Esclarecendo um pouco mais sobre visão sistêmica tem-se que: “pensar o objeto em contexto significa pensar em sistemas complexos, cujas múltiplas interações e retroações não se inscrevem numa causalidade linear – tal causa produz tal efeito – e exigem que se

pense em relações causais recursivas” (VASCONCELLOS, 2002, p. 114), logo se apreende que a espiralidade encontrada nos escritos sobre complexidade de Morin, se refere a uma forma diferente de se ver e entender as causas e os efeitos dos problemas, não mais sob a perspectiva linear e sim recursiva, procurando-se enxergar as partes e o todo, o todo e as partes, sem necessariamente adotar a filosofia holística pura e simplesmente, mas entender que a mesma é fundamental e necessária no contexto ambiental atual. Nessa direção, busca-se apresentar algumas experiências concretizadas entre 2008 e 2009.

O Ensino

Não se trata aqui de tecer considerações no âmbito da educação pela educação, mas de se ter um ensino em geografia que fomente a intelectualidade em seu mais amplo sentido do termo. Ou seja, nem uma geografia do professor e, nem uma geografia para a guerra como bem comentou Yves Lacoste na sua obra célebre intitulada “A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”. Considera-se que ensinar geografia requer um pouco de filosofia, valores morais, história da ciência, engajamento com problemas que nos cercam para, enfim, conduzir o aluno a perceber seu entorno, o que se dá prioritariamente pela percepção da paisagem. Como se sabe, essa é uma das categorias mais vitais da ciência geográfica, enseja várias perspectivas conceituais e de método, mas por isso mesmo palpita no centro das atenções geográficas. O aluno, por si só busca tratar os assuntos que mais lhe tocam, sugere pesquisas que, na maioria das vezes são feitas com recursos próprios e ancoradas pelo conteúdo disciplinar vivenciados, ressaltando-se que em alguns casos se constituem de relevância e extrapolam os muros da faculdade em si. Nesse processo de produção científica, mesmo preliminar e pouco rebuscada, ainda, tanto na teoria quanto na metodologia embute o esforço no sentido de se adotar o que se encontra ao alcance como o uso de mapas, seja as tradicionais cartas ou algo mais sofisticado oferecido em sites especializados na internet, o uso de instrumentos simples para localização geográfica, o registro fotográfico que se constitui de ótimo recurso documental para trabalhos geográficos, bem como o exercício de aplicação dos mais comuns instrumentos de pesquisa como o questionário e a entrevista. A seguir, apresentar-se-á alguns trabalhos desenvolvidos nessa ótica geográfico-ambiental.

A Pesquisa

Um dos primeiros trabalhos de pesquisa desenvolvidos nessa perspectiva foi o estudo do Parque Ecológico Ruber Van Der Linden, o qual se situa em área nobre da área urbana de Garanhuns- PE. Na oportunidade fez-se um levantamento sobre a percepção que os munícipes e alguns turistas possuem em relação ao seu papel ecológico e importância para a cidade. Como era de se esperar, a maioria das respostas apontaram para a valorização de sua importância por ser uma área verde que, ainda preserva certas espécies da fauna e da flora, mas por outro lado aflora o contra-senso quando esse espaço, embora considerado de lazer e turístico, é usado como palco de atrações musicais e de artesanato. Sabe-se que conciliar o lado ambiental com o social e econômico é o ideal, mas percebe-se que tanto segmentos do setor público quanto os cidadãos em geral, carecem de uma educação ambiental adequada. Pode-se citar, por exemplo, que existem fontes de água poluídas em pleno parque, que há quem jogue entulhos provenientes de construções na área do parque e, foi verificado *in loco* que quando ocorrem chuvas fortes, as mesmas contribuem para o assoreamento das nascentes que ali se encontram, ou seja, o quadro aponta para o descaso e/ou falta de conhecimento de

gestão ambiental por parte de quem administra esse parque. Toma-se Bruns (2007) *apud* Amador (2007), para entender melhor a gestão ambiental, a autora coloca que a “Gestão Ambiental” visa ordenar as atividades humanas para que essas originem o menor impacto possível sobre o meio. Esta organização vai desde a escolha das melhores técnicas até o cumprimento da legislação e a alocação correta de recursos humanos e financeiros. Observa-se que esta definição deve ter, pelo menos de modo implícito, o objeto da ação econômica.

Outra experiência de pesquisa relevante diz respeito à paisagem de uma das nascentes do Rio Mundaú, integrante da bacia hidrográfica de mesmo nome e de expressão federal, uma vez que deságua no vizinho estado de Alagoas. Sabe-se que ao longo de seu percurso acumula problemas de diversas ordens e que, também, é alvo de políticas impetradas por órgãos que se dedicam aos recursos hídricos. No entanto, chama a atenção, principalmente para pessoas preocupadas com o meio ambiente o abandono de certas áreas importantes tal como uma nascente. O objetivo, então desse trabalho, foi apresentar a paisagem da nascente do Rio Mundaú, situado no perímetro urbano de Garanhuns- PE em sua plena realidade. O setor onde foi feita a observação, está localizada nas proximidades da Vila Maria. A condição ambiental observada se compatibiliza com “sérios problemas ambientais que enfrentam os cursos d’água pernambucanos, a exemplo do desmatamento de suas nascentes e margens, do assoreamento de seus leitos, além da poluição de suas águas” (ANDRADE, 2003, p. 57). Verificou-se, ainda que, suas margens se encontram expostas sem uma árvore sequer, bem como é evidente a completa destruição da mata ciliar e o descaso geral identificado pelo lançamento de esgotos em suas águas de forma constante.

Como uma terceira experiência de pesquisa, ainda, na graduação, expõe-se a preocupação com comercialização de aves silvestres nas feiras livres de Garanhuns – PE. Embora, até mesmo a bibliografia ateste, o tráfico e comercialização ilegal de animais silvestres ocorrem por todo território nacional apesar da legislação e da fiscalização vigentes. No entanto, em muitos casos como o aqui citado, é comum haver em feiras livres certas áreas e grupos específicos interessados nessa atividade, seja por necessidade ou por outro motivo. Mais uma vez fica evidente que a educação ambiental tem que se voltar para um público extraclasse, não formal e mal formado em termos de valores consigo mesmo, com “Deus” e com todo o universo. A área estudada se concentrou na CEAGA (Central de Abastecimento de Garanhuns), a qual é uma espécie de feira livre, onde são comercializados diferentes produtos de origem vegetal, animal e produtos regionais. Mas não só isso é vendido na CEAGA, animais também vêm sendo comercializados de longa data. Alguns órgãos públicos ligados ao meio ambiente em conjunto com outros de caráter coercitivo e fiscalizador já tentaram amenizar tal problema, mas ele continua a existir e a nossa fauna a correr riscos.

Em geral, o que foi observado na feira de Garanhuns é que as aves são transportadas dentro de minúsculas gaiolas, cobertas por lona ou capas ajustadas com o tamanho da gaiola e fechadas com zíper. As gaiolas transportam mais de uma ave e geralmente, se encontram em péssimas condições de limpeza e com pouca alimentação.

Em sentido amplo, e segundo o ambientalista e coordenador da RENCTAS, Dener Giovanini, são usadas várias estratégias para silenciarem os animais, desde o percurso inicial até o destino de comercialização e acrescenta dizendo que:

Para o traficante, o animal não passa de mercadoria. Mas é uma mercadoria viva, que faz barulho e chama atenção. Por isso, os traficantes precisam silenciá-los. Os pássaros capturados, por exemplo, geralmente têm

os olhos furados para que não vejam a luz do dia e, assim, não cantem. Outra prática comum entre traficantes é quebrar o osso do peito das araras para que espete seus órgãos e, com isso, fiquem impedidas de se mexer, sob dor constante a qualquer movimento (RENCTAS, 2009).

Levando-se em consideração essas terríveis estratégias, principalmente a de furar os olhos das aves, foi observada a existência de pássaros cegos, levando-nos a acreditar, que esses atos são usados para silenciar os pássaros que são comercializados nas feiras de Garanhuns também.

Por fim, concluímos que o comércio ilegal de animais silvestres está associado a problemas culturais, de educação, pobreza, falta de opções econômicas, pelo desejo de lucro fácil e rápido, e por status e satisfação pessoal de manter animais silvestres, bem como de estimulação (RENCTAS, 2009). Para que seja amenizado, precisa-se de um amplo processo de conscientização e (re) educação, alternativas econômicas e sustentáveis à população carente que não vê outra forma de sobrevivência, a não ser a irracional comercialização de nossa fauna.

A Extensão

O trabalho de extensão que se está empreendendo na unidade de ensino se volta, no momento, para um público desfavorecido social e economicamente que são os carroceiros e seus animais de tração. A pesquisa que lastreia as iniciativas tem como marco teórico, ilustres fomentadores da história – Caio Prado Júnior, da geografia – Manuel C. de Andrade, da sociologia – Gilberto Freyre e da economia brasileira – Celso Furtado. Partindo-se da ótica geográfico-ambiental, observou-se que o relevo no qual se assenta o município e, principalmente, sua área urbana é predominantemente de aclives e declives, fato que demanda esforço mais do que a maioria dos animais conseguem suportar. Esses animais são submetidos a jornadas diárias nessas condições puxando carroças que, em sua grande maioria, não estão de acordo com as normas estabelecidas em legislação. Seus condutores também desconhecem regras básicas de trânsito fazendo com que os motoristas buzinem e se irriem com frequência com esse tráfego e, infelizmente que paga pelo estresse geral é o animal que está ali exausto, com fome e com sede regada a chicoteio. A preocupação com o bem estar desses equídeos é uma das metas do trabalho que está buscando junto a outros grupos de extensionistas da área rural trazer informações e alento para doenças e desconfortos físicos através da preparação de palestras e diálogos junto aos carroceiros. Ao mesmo tempo, está-se promovendo uma inserção da educação ambiental, embora fragmentada e direcionada para o problema através da ação da universidade para que essas pessoas atinjam um nível de multiplicadores e consigam valorizar seus animais e o seu trabalho de forma sustentável. Também se trata de uma oportunidade de agregar alunos interessados e de bons corações nessa empreitada, resgatando-se a possibilidade de se fazer o bem associado com a ciência. O aprendizado, certamente, trará fortes e bons frutos para a prática política/ambiental desse futuro licenciado em Geografia.

Considerações finais

Logo, considera-se que o papel da universidade é formar cidadãos íntegros e capazes de fomentar além do ensino, a pesquisa e a extensão, principalmente em tempos de crise ambiental como a que se está vivenciando. São através das pequenas ações e iniciativas, como

as aqui apresentadas, que se contribui para o bem-estar geral da população, dos animais e em efeito dominó, para todo o sistema da biosfera. Preocupações locais perceptíveis na paisagem, no lugar, no território, enfim no espaço são elementos de abordagem e exercício intelectuais sob diferentes aspectos no âmbito da ecologia e da biogeografia. Ser geógrafo e professor é labutar nesses recônditos, é fazer acontecer, é ter senso político, mas não necessariamente partidário, é contribuir efetivamente para o melhor da sociedade e do planeta, cabendo a cada um interpretar esse melhor desde que respeitando a essência etimológica da palavra. O entendimento sistêmico portanto, é fundamental nesse contexto, sempre se tem uma ação correspondendo uma reação lembrando que, não mais raciocinando-se simplesmente na linearidade dos fatos mas sim, na recursividade deles.

Referências bibliográficas

AMADOR, Maria Betânia Moreira. **A visão sistêmica e sua contribuição ao estudo do espaço pecuário de Venturosa e Pedra no Agreste de Pernambuco.** São Paulo: Blucher Acadêmico, 2008.

AMADOR, Maria Betânia Moreira; CORREA, Antonio Carlos; BARBOZA, Aldemir Dantas. Resgate da abordagem ecodinâmica de Jean Tricart, a partir de sua aplicabilidade aos estudos agroecológicos e de gestão ambiental. **Revista OLAM**, v. 7, p. 210 – 227, 2007.

ALFREDO, Vieira. **Garanhuns do meu tempo: memórias.** Recife, graf. Recife, 1981.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no nordeste.** 6 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira (Coord.). Atlas **Escolar de Pernambuco.** João Pessoa: GRAFSET, 2003.

AOKI, Virgínia. **Projeto araribá: geografia/ obra coletiva.** São Paulo: Moderna, 2006.

BECHARA, Erika. **A proteção da fauna sob a ótica constitucional.** São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos Temas Transversais/ Secretaria de Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUENO, Chris. **Desmatamento e extinção de espécies.** Disponível em: <<http://360graus.terra.com.br/ecologia/default.asp?did=27175&action=geral>>. Acesso em 27 de julho de 2009.

CAVALCANTI, Alfredo Leite. **História de Garanhuns.** Recife: FIAM/CEHM, 1983.

DAJOZ, Roger. **Princípios de ecologia.** Tradução de Fátima Murad. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste.** 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1959.

GUTIÉRREZ, F. ; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MENDONÇA, Francisco de Assis. **Geografia e meio ambiente**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 20001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PASSOS, Messias Modesto dos (Org.). **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Ed. Massoni, 2007.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 43 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

DAJOZ, Roger. **Princípios de ecologia**. Tradução de Fátima Murad. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RENTAS (ONG) - Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres. **Relatório nacional sobre o tráfico de faunas silvestres, com a colaboração do IBAMA, da polícia florestal, da polícia federal, das secretarias do meio ambiente e do ministério do meio ambiente**. 2001. Disponível em: < <http://www.rentas.org.br/pt/trafico/default.asp> >. Acesso em: 28 de Julho de 2009.

SILVA, Danilo de Araújo; GUEIROS, Mariana Dantas; AMADOR, Maria Betânia Moreira. A importância do parque Ruber van der Linder para o município de Garanhuns-PE. **Periódico eletrônico. Fórum Ambiental da Alta Paulista**. v. V, ano 2009. São Paulo: UNESP. 1 CD-ROM.

_____. O animal de tração na paisagem urbana de Garanhuns – PE. **Periódico eletrônico. Fórum Ambiental da Alta Paulista**. v. V, ano 2009. São Paulo: UNESP. 1 CD-ROM.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

VENTURINI, Luis Antonio Bittar (org.). **Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

VIEGAS, Eduardo Coral. **Gestão da água e princípios ambientais**. Caxias do Sul, RS: EducS, 2008.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 5 ed. Tradução de Maria Cecília França. Campinas, SP: Papirus, 1988.

ZILBERMAN, Isaac. **Introdução à engenharia ambiental**. Canoas: Ed. ULBRA, 1997.